

Pompeu, D. – *Stimmungen Lesen* (resenha)

Stimmungen Lesen, ler entre a forma e a substância

Stimmungen Lesen – Reading between Form and Substance

Douglas Pompeu¹

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Stimmungen Lesen. Über eine verdeckte Wirklichkeit der Literatur*. Munique, Carl Hanser Verlag 2011.

Publicado na Alemanha em 2011 pela editora Carl Hanser, o último livro do romanista Hans Ulrich Gumbrecht foi lido com certa resistência por alguns críticos e teóricos da literatura. A provocação ou o motivo das reações controversas ao livro não se encontram no conjunto de ensaios já publicados pelo autor na seção *Geisteswissenschaften* no *Frankfurter Allgemeinen Zeitung* e que recheiam a edição atual, mas sim no título e na introdução de cerca de trinta páginas, na qual o autor parte de um suposto impasse ou de um limite dos estudos literários nas últimas décadas e arrisca afirmar ter encontrado uma solução para a sensação de letargia e insegurança que toma conta da crítica e da teoria contemporânea. Uma versão da introdução de *Stimmungen Lesen. Über eine verdeckte Wirklichkeit der Literatur*, publicado primeiramente em alemão, apareceu em 2008 na revista americana *boundary2* e foi traduzida para o português no ano seguinte na revista *Índice*, intitulada por uma pergunta: *Ler para Stimmung? Sobre a ontologia da literatura hoje*². A suposta hesitação no título anterior entre realidade e ontologia talvez adiante a intenção do autor. Ao se referir a uma realidade encoberta da literatura, Gumbrecht arrisca anunciar uma terceira posição ontológica da literatura que não compactuaria com nenhum dos pressupostos dominantes e contraditórios, responsáveis pela estagnação da crítica hoje, a saber o Desconstrucionismo, de um lado, e os *Cultural Studies*, de outro. Essa terceira posição, segundo o autor, deixada de lado até o presente, ao invés de ver a literatura apenas como representação de uma realidade, ocupa-se com aquilo que estaria além da interpretação, que sobra ou resiste a ela, mas que comove o leitor corporalmente, ou como o próprio autor esclarece por meio de um verso de Toni Morrison, aquilo

¹ Mestre em Literatura Alemã na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E-mail: glaspom@me.com

² Em inglês "Reading for the Stimmung? About the Ontology of Literature Today" na seção "Interventions" da revista *boundary2*, volume 35, n. 3, 2008.

que o toca por interiormente³. Essa posição resolutiva, segundo Gumbrecht, poderia ser ilustrada por fim pela palavra alemã de difícil tradução “*Stimmung*”.

Em um dos dez tópicos em que se divide a introdução do livro, o autor ocupa-se com as diferentes nuances da palavra alemã. Para isso, recorre a duas palavras em inglês “mood” e “climate”, ambas possíveis traduções para “*Stimmung*”. Enquanto uma refere-se a uma sensação interna e subjetiva, para a qual nenhuma descrição exata seria possível, a outra refere-se a algo objetivo que envolve indivíduos ou um grupo de pessoas e que exerce uma influência física sobre eles. Desse modo, o autor parece encontrar uma chave para a ligação imediata entre sujeito e objeto. Além disso, “*Stimmung*” partilha a mesma raiz de “*Stimme*” (voz) e do verbo “*stimmen*”, que primeiramente está ligado ao verbo afinar, em afinar um instrumento, mas também ao estar certo de algo (na expressão “*das stimmt*”, por exemplo). Gumbrecht desenvolve então uma relação desses desdobramentos com o universo da música, do som e do ouvir e, em segundo momento, com o sentido de atmosfera e clima (*Wetter*). Ele ressalta que não ouvimos apenas por meio de nosso ouvido interno e externo, mas que ouvir é uma forma de comportamento complexa e corporal que exerce um papel muito importante para nossa percepção tátil e física do mundo. Justamente por isso, comenta o autor, não é difícil encontrar referências à música e ao clima em textos literários que procuram presencializar o passado (*vergegenwärtigen*), ou que se referem auto-reflexivamente a uma *Stimmung*. É nesse ponto que reside a razão do autor em acreditar que ler orientado por uma *Stimmung* pode abrir uma nova perspectiva dentro da ontologia da literatura: pois na oposição entre Desconstrução e os Estudos Culturais toda possível relação com a realidade não-linguística é pensada pelo paradigma da representação. Segundo essa orientação, textos representam, ao passo que leituras orientadas pela *Stimmung* se ocupariam com a dimensão textual da forma (principalmente o som, através de aliterações e assonâncias, por exemplo, na leitura de um texto) que envolvem nosso corpo enquanto realidade física potencial e que podem provocar um sentimento interno, sem que seja necessário recorrer ao nível da interpretação.

Diante de *Stimmungen Lesen*, é quase inevitável pensar no famoso ensaio de Susan SONTAG *Against Interpretation* (1964) - aliás sequer mencionado pelo autor -, na crise da representação levantada pelas teses de Michel Foucault ou ainda em *Real Presences* (1991) de George STEINER. No entanto, Gumbrecht procura se instrumentalizar filosoficamente por meio do diálogo com filósofos como Martin Heidegger, ao defender uma relação com o mundo não-interpretativa, corporal e pré-hermenêutica e diferenciar uma sociedade de sentido de uma sociedade de presença.

³ No original: “touched like from inside”.

Na verdade, para quem acompanhou as mais recentes publicações do romanista, a reação provocada pelo seu último livro não é motivo de surpresa. Desde a publicação de *Production of Presence* (2004), livro importante para entender os movimentos de Gumbrecht, seus esforços sobre a questão da presença e o próprio uso que o autor faz do conceito de “*Stimmung*”, estabeleceu-se um mal-estar⁴ em relação à sua tentativa de delinear um desvio para as posições ontológicas dominantes nos estudos literários que, segundo o autor, são responsáveis por delimitar qualquer tipo de referência linguística ao mundo fora da linguagem como impossíveis ou não-demonstráveis. Pois para Gumbrecht, se a Desconstrução, apesar das intensivas pretensões de inovação, se inscreve filosoficamente sem resistência na tradição do *linguistic turn*, por não conseguir ir além da linguagem, os *Cultural Studies*, ao contrário do anterior, não levantam nenhuma dúvida sobre a capacidade da literatura fazer referência ao mundo real, o que produz de um lado um otimismo empírico e, de outro, o que o autor chama de “descuido epistemológico”, marcantes em uma sociedade pautada inteiramente pelo sentido.

Stimmungen Lesen pode ser lido como uma continuidade das reflexões do autor sobre o efeito de presença em nossa cultura, como uma tentativa de apresentar as bases de uma sociedade de presença por vir. O próprio autor o assume, um ano antes da publicação do livro, em seminário na Casa de Rui Barbosa. No seminário o romanista afirma que, como consequência do processo da modernidade, em nossa relação consciente com as coisas do mundo, a interpretação prevalece arbitrariamente em primeiro plano na atribuição de sentido; no entanto, esse nosso hábito involuntário ou intuitivo de atribuir sentido às coisas estaria, desde sempre e ao mesmo tempo, em relação constante com nossos corpos. Isso é o que poderia ser chamado de presença: uma relação física, corporal e imediata entre as coisas e os sujeitos. E a chave para essa relação seria a transferência de uma presença substancial do passado, uma *Stimmung* transmitida pelo objeto artístico. Já que, ao envolver uma camada física de fenômenos, *Stimmungen* pertenceriam a uma parte presencial da existência e, na sua forma de articulação, se inscreveriam no nível da experiência estética. Nesse sentido, *Stimmung* é aquilo que, em um texto, sem ter nada a ver com interpretação e sem qualquer esforço para atribuir sentido, nos liga com seu tempo (sempre passado) e o torna vivo e vivenciável no agora.

A publicação em questão procura justamente transmitir essa relação presente e estética com o mundo por meio da literatura e de outros artefatos como a pintura e a música. Sua justificativa é que uma nostalgia e uma necessidade por *Stimmung* vem crescendo nas últimas décadas, sobretudo

⁴ Inclusive no Brasil: em 19 de fevereiro de 2011, o caderno Prosa e Verso do jornal O Globo publicou resenha de Andrea Daher sobre *Production of Presence* que rendeu um debate com réplica e tréplica entre ela e Gumbrecht.

entre a geração a que pertence o autor, os “mais velhos”, testemunhas de vida que segue um rumo ordinário sem a capacidade de envolver e afetar nossos corpos, como se estivéssemos agora sedentos por presença ou como se essa estagnação a que chegou a modernidade esteja nos distanciando da vida condensada nesses objetos. Os problemas surgem quando o autor reflete sobre um possível método para a leitura orientada pela *Stimmung*. É possível pensar em um modo científico para tratá-la ou compreendê-la? De fato, quando se fala em *Stimmung* adentra-se em um terreno obscuro e incerto, pois trata-se de algo individual e subjetivo. Para Grumbrecht, mesmo que cada *Stimmung* seja histórica e culturalmente única, ler orientado por uma *Stimmung* não é o mesmo que analisar ou reconstruir uma gênese cultural e histórica. Cético em relação a possíveis teorias gerais ou métodos capazes de esclarecer e lidar com *Stimmungen*, o romanista aposta suas fichas no pensamento contra-intuitivo. Como afirma o autor, um pensamento que não receia divergir das normas dominantes da racionalidade e da lógica tem muito a ganhar ao se valer de intuições, pois o que primeiro chama a atenção em uma leitura orientada pela *Stimmung* é uma fascinação ou irritação provocadas por uma única palavra ou detalhes, o fragmento de um som ou um ritmo. Dessa maneira, seria possível ao texto crítico se aproximar, convergir com o seu objeto ao invés de se distanciar cada vez mais dele. O modelo dessa crítica corresponderia, para o autor, ao conceito de “ensaio” discutido por Georg Lukács em *Die Seele und die Formen*. Por meio dos ensaios seria possível acessar sem mediações o vivenciado ou a vida [“das Erleben”] na leitura de um texto literário.

Os ensaios que seguem a introdução do livro parecem querer ilustrar uma tentativa nesse sentido. Divididos em “momentos” e “situações”, os textos reunidos por Gumbrecht são considerados pelo próprio como estudos imanentes e tratam da poesia medieval de Walther von der Vogelweide, da prosa de Pícaro, Diderot, María de Zayas, Machado de Assis e Thomas Mann, passando pelos sonetos de Shakespeare, pela pintura de Casper David Friedrich e pela canção “Me and Bobby MacGee” de Janis Joplin. No caso das “situações”, o autor procura esclarecer, por meio de uma leitura orientada pela *Stimmung*, o Surrealismo dos anos 20 e a Desconstrução de Jacques Derrida e Paul de Man. Obviamente, diante desse número variado de obras e gêneros distintos, cada qual com sua poética e seu contexto de produção, não se pode esperar que uma leitura orientada por uma *Stimmung* constitua um fenômeno uniforme. Além disso, é de fato espantoso que a afinidade musical com o conceito de *Stimmung*, a materialidade ou esse fenômeno físico que atinge o leitor através da prosódia, seja tão pouco explorada nos ensaios, principalmente quando tratam da leitura de poemas. Ao se ocupar com os poemas de Vogelweide, o autor focaliza, por exemplo, a frágil *Stimmung* de uma irritabilidade do “eu” produzido pelo plano de fundo de seu tempo; no caso dos

Pompeu, D. – *Stimmungen Lesen* (resenha)

sonetos shakespearianos, uma *Stimmung* enquanto “unidade complexa de sons”: ambos, é preciso aceitar, muito distantes de algo como uma *Stimmung* própria da lírica. Já ao tratar da prosa de Pícaro, o foco recai sobre um “sentimento de vida”; sobre Diderot fala-se de *Stimmung* como um tempo e uma atmosfera, um clima; em *Morte em Veneza*, de Thomas Mann, é a convergência entre estados de humor e situações climáticas que é direcionada pela *Stimmung*. Na verdade, as leituras orientadas pela *Stimmung* são sintomaticamente muito mais esclarecedoras no caso das obras menos conhecidas da literatura mundial como a de María de Zayas e de Machado de Assis. Como o autor defende na introdução, nenhuma linha histórica é mencionada ou evidenciada, mas, em consequência disso, pode se acusar que os objetos acabam demasiado dispersos e o conceito de *Stimmung* muito aberto e sem contorno.

Em todo caso, se o que a introdução do livro promete não é totalmente verificável nos ensaios que a seguem, isso talvez se deva ao fato de que, em última estância, defender um tipo de abordagem da literatura que seja capaz de tornar espaços e tempos experienciáveis corporalmente ainda efetue-se por meio de um gesto crítico constituído menos pelo pensamento contra-intuitivo do que por meio do pensamento analítico. Diante dos ensaios, alguns críticos chegaram a sugerir que o recurso à *Stimmung* possibilitaria, pelo contrário e de modo ainda mais eficaz, curtos-circuitos hermenêuticos, nos quais o leitor pudesse reconhecer nos detalhes de uma obra o espírito de um tempo, como já propuseram Friedrich Schlegel e Leopold Ranke. Outros ainda: se textos literários atingem o leitor imediatamente por meio de sua camada prosódica, não seria, no entanto, ser possível chegar a uma *Stimmung* apenas depois da semantização? Com isso não estaríamos pisando novamente na dimensão dos signos? Contudo, se todo o esforço do autor em querer descolar o centro das discussões da cena atual para o problema aristotélico do símbolo e para a diferença entre substância e forma ainda carece de uma base sólida e convincente para seus críticos, seu maior mérito até agora reside, a meu ver, no modo provocativo como o autor procura, apesar de melancólico, tirar o pó que vem se acumulando nos estudos literários hodiernos. O que pode, quem sabe, por meio de uma irritação – valendo-se aqui das diferentes nuances semânticas da palavra – providenciar uma dinâmica e um debate menos letárgicos ao campo.

Recebido em 01/04/2012

Aprovado em 29/04/2012